# Comentários ao documento básico do Prof. Pierre Furter

*Juan Díaz Bordenave* *

1. O trabalho do Dr. Pierre Furter é apresentado num momento muito oportuno em minha opinião, pelas seguintes razões:

Não só programas já existentes como Mobral, Projeto Minerva, MEB, Prontel etc. enfrentam sérios problemas de definição de funções e de métodos, mas também outros programas importantes como Senar, Embrater, Saúde etc. estão nascendo dentro de uma grande desorientação ideológica e pedagógica.

É incipiente no País a análise dos embasamentos ideológicos e políticos dos programas educativos, considerando o *establishment* que todo programa que pretende contribuir para o desenvolvimento nacional é naturalmente bom.

Existe uma tendência a valorizar exageradamente os modelos de pensamentos vindos dos países mais avançados, sem uma crítica exigente de suas prováveis conseqüências. Assim, a tecnologia educacional, o enfoque de sistemas etc., aplicados à educação, são aceitos *in toto*, sem exame crítico.

Um exemplo: acabo de participar do Simpósio Nacional de Telepromoção Rural organizado em Porto Alegre pelo Ministério do Trabalho e a Feplam. Um dos conferencistas afirmou que o Senar

* Do IICA/OEA.

deveria dar máxima ênfase ao "como fazer" na formação de mão-de-obra rural, sendo que o "por que fazer" só deveria ser abordado se o ensinando perguntasse...

2. Achei interessante a enfática afirmação de que a formação extra-escolar não é uma coisa nova, uma inovação, tendo já existido diversas formas de educação não-formal antes da difusão dos sistemas formais. Pareceu-me também interessante a hipótese de que a recente popularidade da formação extra-escolar nos meios oficiais e internacionais se deve ao relativo fracasso destes sistemas formais.

Talvez faltou ao trabalho de Pierre Furter uma explanação ou uma demonstração mais ampla deste suposto fracasso, dentro dos modelos atuais de desenvolvimento, ou, de sua insuficiência para modelos mais "humanistas" de desenvolvimento.

3. O trabalho de Furter resultou também muito interessante para mim, pois no ano passado, a Unesco me pediu para preparar um estudo sobre a contribuição dos programas de comunicação ao desenvolvimento rural. Após estudar uns 25 casos de estratégias de comunicação em diversas partes do mundo, construí uma espécie de roteiro de análise dos programas, que incluia as seguintes variáveis:

a) gêneses (razões) do projeto

b) patrocinadores (objetivos e ideologia)

c) clientela e agentes

d) escopo

e) objetivos do projeto

f) delineamento do projeto (*project design*) e bases pedagógicas

g) contexto organizacional e institucional

h) meios de comunicação empregados

i) padrões de difusão e utilização

j) pesquisa e avaliação.

Várias destas variáveis são tratadas no trabalho do Dr. Furter com maior profundidade e amplitude que em meu trabalho, mas o modelo apresentado por ele, que organiza tipologias com base em clientelas, agentes, origens dos programas, recursos e formas de intervenção, sistema social e resultados, tem muito em comum com meu quadro de variáveis.

4. Uma coisa que me impressionou bem foi a constante atitude do Prof. Furter de se colocar do lado da clientela e não apenas dos promotores dos projetos de formação. Isto, não por deixar de reconhecer nestes últimos boa vontade e bons propósitos, mas, por ele seguramente ter vivido muitas experiências em que os bons propósitos no fundo ocultam conseqüências contrárias aos verdadeiros interesses da clientela.

Por exemplo: preocupa-se o Dr. Furter com questões como as seguintes:

Quem identifica as *necessidades* da clientela? Eles, ou os patrocinadores?

Em que grau a clientela *participa* do estabelecimento de objetivos, métodos e procedimento de avaliação?

Até que ponto são tomadas em conta as reivindicações *individuais* ou os programas se constituem apenas em novas formas de recrutamento, condicionamento, mobilização pela persuasão, para atingir objetivos preestabelecidos? (Nestes dias recebi um convite para um Seminário sobre "Training for Mass Incorporation in Delevopment Efforts" organizado pela Sociedade para o Desenvolvimento Internacional. A expressão *mass incorporation* não soa a *movilización* por forças externas mediante o *training?*)

Até que ponto os programas, que hoje criam redes de agentes e até de burocratas, pensam ir cedendo seu lugar à participação espontânea, ao voluntariado e a "autodidaxia", que podem fornecer independência e autonomia?

A "espantosa" capacidade dos sistemas escolarizados de adaptar-se a situações novas assimilando novas demandas conjunturais sem

jamais recolocar em questão a coerência implícita de seu conjunto. Coerência e estrutura que, segundo Ivan Illich e, pelo visto, também segundo Furter, configuram um perigo de limitação progressiva da criatividade e da liberdade do povo.

5. O Prof. Furter completa seu trabalho com uma nota otimista quando afirma que é preciso conhecer os mecanismos através dos quais a própria dependência suscita dialeticamente sua contestação. Em outras palavras, embora Furter acredite na tendência dos sistemas escolarizados de escolarizar tudo, inclusive a formação extra-escolar, ele mesmo acredita que, ao fazê-lo, gera-se uma força de antítese que poderá um dia nos dar *funcionalidade,* isto é, elaboração de programas em função e a partir dos interesses das clientelas, sem sacrificar a liberdade e a autodidaxia.

Furter nos indica uma meta, a *autodidaxia*: "Qualquer intervenção formativa busca sua própria abolição na afirmação progressiva, na aquisição da capacidade, por cada indivíduo, de saber como dominar as diferentes situações em que será levado a viver."

Estas duas idéias: a autonomia pessoal para aprender e resolver problemas tomada como meta, e a predição de que a tecnologia educacional condicionante produzirá como contradição uma procura de autodidaxia, são idéias dignas de serem debatidas em profundidade.

6. De fato, no momento, a tendência é aplicar à formação extra-escolar os princípios empresariais da produtividade, do custo/benefício, do pragmatismo responsável etc. A velha educação bancária está sendo substituída pelos *instructional systems,* com objetivos comportamentais e uma rígida seqüência de pasinhos skinnerianos com reforços e realimentação imediata. A metodologia do "condicionamento operante" caracteriza-se pela "moldagem" dos indivíduos para atingirem os objetivos determinados pelo instrutor e não pelos próprios alunos. A ênfase recai sobre a auto-instrução e deixa de lado a ação grupal ou cooperativa.

Aterra-me pensar nas gerações que surgirão depois de 20 ou 30 anos de escolarização formal ou de formação extra-escolar estruturadas e executadas mediante a tecnologia educacional de origem skin-

neriana. Tudo o que o latino-americano tem de mais precioso — sua irreverência, seu amor à vida, sua bela desordem lírica, seu sentimentalismo — não terá lugar nos "programas" da instrução programada ou os *articulated instructional media systems*. Isto conspira contra dois grandes objetivos dos povos subdesenvolvidos: a independência e a solidariedade.

7. É evidente, no trabalho, o esforço que seu autor faz para ser coerente com sua manifesta aversão ao princípio do progresso ilimitado e da modernização sem fronteiras. Entretanto, na própria definição de formação que ele nos fornece — "formação é toda intervenção que visa mudança nos comportamentos..." — está encerrada uma idéia de progresso ou progressão. De modo que Furter também nos apresenta um programa "progressista", colocado além das metas de cada programa educacional extra-escolar: "É possível" — disse — "ordenar os diferentes programas de extra-escolar em um país e articulá-los em uma estratégia comum de desenvolvimento cultural, passando de uma extra-escolar concebida como simples luta contra o analfabetismo para uma estratégia nacional de criatividade cultural e popular".

Não comento isto como crítica ou como insinuação de incoerência. Não sei se o finalismo ou o progressismo é ou não inerente à natureza humana, mas sei que um europeu não poderia fugir durante muito tempo a um plano, a uma estratégia. Na verdade, o importante não é tanto ter alvos "progressistas" como que as estratégias sejam planejadas e realizadas com a participação do povo e em *seu* favor.

8. Uma coisa que, para meu gosto, faltou no trabalho, é uma definição mais clara *de qual seria o verdadeiro objetivo geral da formação extra-escolar, em um país subdesenvolvido*. De tal definição emanariam naturalmente os princípios e as práticas pedagógicas. Ela é necessária porque a opção transcende a esfera educacional para alcançar a esfera do político. O tipo de educação que uma nação escolhe pode contribuir à submissão ou à independência, ao individualismo competitivo ou à cooperação solidária. E os países subdesenvolvidos são tais porque a educação herdada não os preparou para sua liberação. Esta é uma tarefa nossa, dos educadores de hoje.

Não resisto a mencionar aqui o objetivo que para a educação popular colocam os membros da Nova, empresa assessora em planejamento e avaliação educacional, do Rio de Janeiro:

*"Criar condições pedagógicas para o desenvolvimento de uma prática de participação social efetiva que tenha como referencial a busca e o equacionamento de alternativas possíveis, alternativas essas capazes de possibilitar às camadas populares a concretização social de seus interesses."*

"Deve-se admitir, ainda, que esta problemática fundamental adquire particularidades no decorrer de um processo social: isto é, inscreve-se *condições socialmente dadas* que imprimem a esta problemática características próprias."

"Assim sendo, deve-se considerar que a prática educativa vincula-se *às possibilidades de cada local e de cada momento do progresso social;* conseqüentemente, os agentes que trabalham no campo da educação popular — para poderem definir e desenvolver o que lhes compete realizar enquanto atividade educativa — devem ser capazes de *analisar a situação histórica concreta em que se inserem,* para identificar e apreender os *limites e possibilidades de sua atuação;* a partir daí é que se pode definir, concretamente, a *contribuição que a educação popular pode dar* para o encaminhamento da *participação social efetiva das camadas a quem se dirige."*

Segundo se desprende das idéias da Nova, a grande diferença entre um programa escolarizado e um programa de educação popular extra-escolar, seria que, enquanto o primeiro tem um programa preestabelecido com objetivos definidos de curto prazo, o segundo tem um objetivo central de longo prazo e todos os demais surgem da vida quotidiana, do enfrentamento dialético da clientela com a realidade em mudança. Enquanto no primeiro a regra é "aprender dos livros e do professor" no segundo é "aprender da vida". Enquanto no primeiro a avaliação consiste de um confronto entre o objetivo a dominar e o que foi aprendido, no segundo ela consiste em acompanhar e interpretar o que vai acontecendo, sempre buscando avançar para o objetivo final de participação na solução de necessidades, utilizando-se das circunstâncias e dos elementos que a mesma vida vai fornecendo a cada indivíduo e cada grupo.

9. Visto seu caráter dinâmico e dialético, a pedagogia da educação extra-escolar não pode ser definida de maneira geral e fixa. Mas como ela acontece junto da vida, ela deveria basear-se na observação e na interpretação da mesma vida, ter uma forte orientação de solução de problemas, enfatizar a todo custo a união e a solidariedade das pessoas e dos grupos, sem abafar os conflitos inerentes à mesma vida, e deve procurar os subsídios teóricos de todas as ciências e de todo o pensamento autóctone acessível.

É grande no Brasil o interesse por uma análise das bases pedagógicas dos programas extra-escolares. No Simpósio de telepromoção de Porto Alegre, a que acabo de assistir, ficou decidido tentar organizar um laboratório de fundamentação pedagógica da educação extra-escolar. Confio em que todos os aqui presentes, incluindo naturalmente o Dr. Furter, possam participar do laboratório, no qual pensamos analisar materiais de comunicação e educação e avaliar sua fidelidade à pedagogia que se considere ser mais fiel à natureza própria da educação extra-escolar.

10. Termino confessando o terror que me invadiu quando Julieta Calazans me incumbiu de comentar nada menos que o trabalho de Pierre Furter e a gratidão que sinto por ter se me concedido tamanha honra.